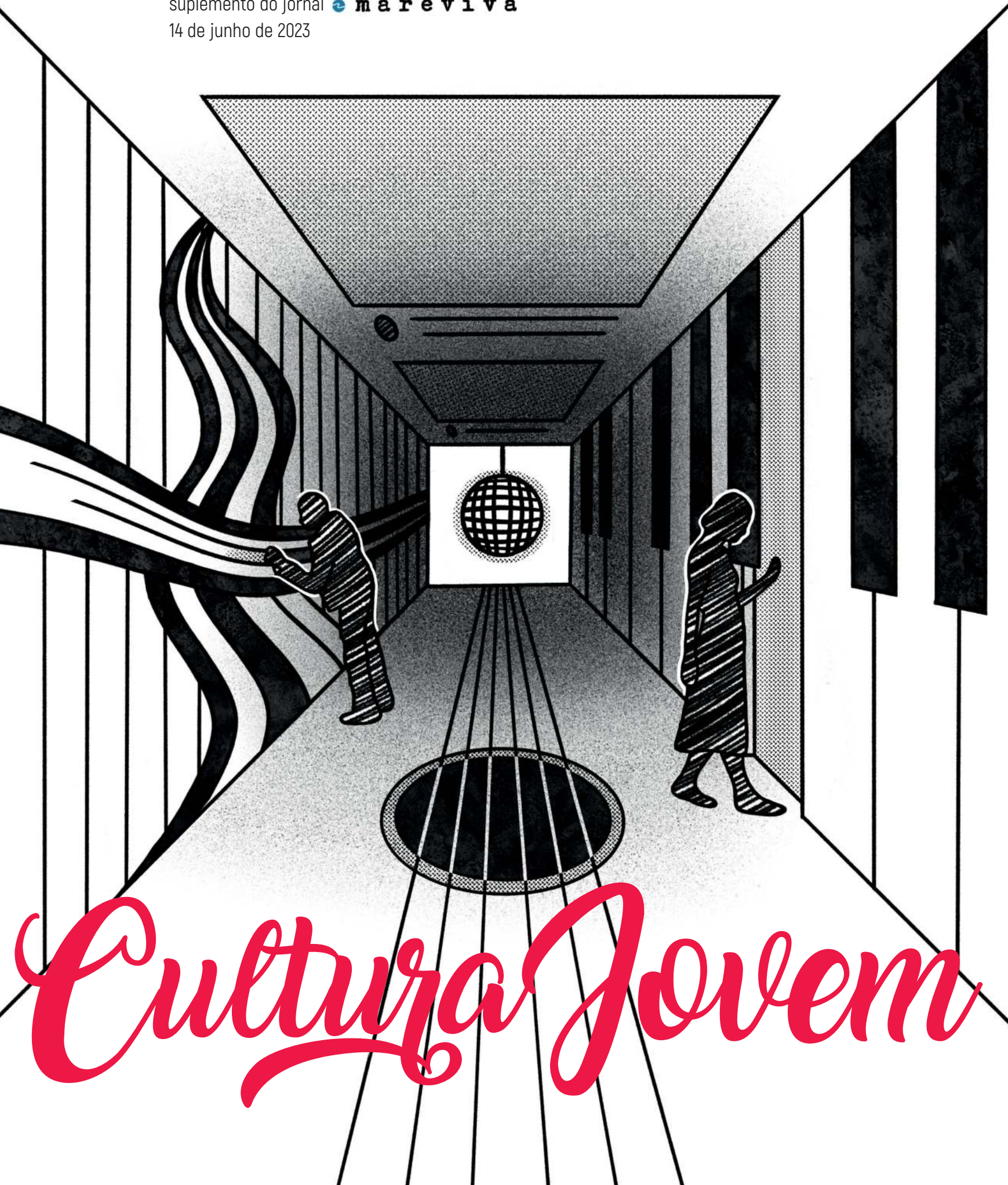




maismaré

suplemento do jornal  maréviva

14 de junho de 2023



Cultura Jovem



mareviva
JORNAL REGIONAL DE ESPINHO

pt-pt.facebook.com/mv.online
agenda.mareviva@gmail.com

uma nova maré

"CULTURA JOVEM": A LIBERDADE DE INOVAR E INSPIRAR

A juventude molda o Mundo em que vivemos. Estou certo de que esta é uma ideia difícil de refutar. São os jovens que metamorfoseiam a sociedade: ora por estarem numa fase de autodescoberta, questionamento ou a perseguir ambições, ora pela insatisfação generalizada face a um futuro (cada vez mais) distante de ser risonho. Por essas duas razões é premente entender, valorizar e, sobretudo, auscultar a perspetiva deles.

O que é que os jovens andam a fazer? Essa foi a pergunta de partida para esta segunda edição da "Mais Maré", que mergulha na efervescência criativa e nas vozes pulsantes de jovens criadores. Nas páginas que se seguem, procuramos ter uma visão ampla e imersiva sobre o que se pode entender por "Cultura Jovem", trazendo à tona ambições, realizações, desafios, contributos e projetos futuros para a sociedade. Todos estes jovens - criativos e visionários - encontraram na Arte, na Música, na Internet e noutros meios de expressão, formas de partilhar as suas vozes, de mostrarem ao Mundo que também importam e contribuem para transformações positivas. Tal como eles, muitos outros o terão feito e continuam a fazê-lo.

Em nome do Maré Viva, permitam-me endereçar um agradecimento a todos os intervenientes pela sua disponibilidade, bem como aos autores acreditados pelos registos fotográficos e, claro, à jovem ilustradora espinhense, Vanessa Oliveira, por ter aceitado o repto de conceber a capa.

Sem mais demoras: venha conhecer histórias, descobrir motivações e deixe-se envolver pelas paixões que conduzem estes jovens.

Boas leituras.

Rafael Oliveira
Jornalista do Maré Viva

RESPIRA-SE CULTURA PELO CIRAC, MAS QUEREM-SE JOVENS PARA DAR CONTINUIDADE À HISTÓRIA

O Festival Internacional de Música de Paços de Brandão (FIMUV) é um dos eventos mais afamados desta associação juvenil: a sua 46.ª edição decorre este ano entre 30 de setembro e 31 de outubro.



Filipa Bastos, Fausto Sá e Mariana Cruz são três jovens que frequentam uma associação cultural e recreativa em Paços de Brandão. Estão por lá há, pelo menos, uma década e, naturalmente, sentem que esta se tornou a sua segunda casa. Dizem que é ali que aprenderam, aprendem e ensinam valores. É um local onde se podem expressar, conviver e é, sobretudo, o sítio onde promovem, experimentam e dão a experimentar a Cultura nas suas mais variadas formas. A missão é mesmo essa. "Fazer chegar a Cultura" à região em que se inserem de forma acessível e possibilitar o envolvimento de jovens e da comunidade nas atividades que desenvolvem. Esse é o designio do CiRAC, o Círculo de Recreio, Arte e Cultura de Paços de Brandão.

Fundado em outubro de 1976, o CiRAC surgiu a partir da ambição de um grupo de amigos que gostava de cantar e fazer teatro. Hoje é uma associação cultural e recreativa sem fins lucrativos com mais de 40 anos de história e com cerca de 750 associados, que, na sua maioria, são jovens. Aliás, são os primeiros rostos com que nos deparamos lá dentro. Por entre as distinções e os prémios alcançados ao longo dos anos, expostos numa vitrine que ocupa a longitude de uma ampla parede, é notório que se "respira Cultura" nesta casa.

"O que nos move, enquanto associação, é poder dar Cultura às pessoas. Às vezes temos de fazer algumas atividades para nos autossustentarmos, mas o fundamental

é a partilha da Cultura com todos a preços acessíveis. Além disso, a maioria das atividades que temos são gratuitas, com a exceção da Escola de Pintura" - explica Filipa Bastos, responsável pela secção de Recreio.

Numa breve descrição sobre a abundância das vertentes e atividades compreendidas nas secções de Cultura, Música, Teatro, Recreio e Comunicação, Fausto Sá, presidente do CiRAC, considera que a aposta nessa diversidade é relevante, uma vez que permite alcançar "o maior número possível de pessoas" da região.

"Isso está na génese da associação. Esse grupo fundador de amigos tinha vários interesses interligados. Uma das nossas missões é possibilitar que as pessoas acedam facilmente à Cultura, mas acabamos por ter outro propósito relacionado, que é o de dar a oportunidade aos jovens, que ainda não encontraram o seu foco, de experimentar coisas novas pelas quais tenham interesse. Dessa forma, além de aprenderem uma Arte, também aprendem valores e atitudes para o seu quotidiano" - explica o jovem eleito presidente do CiRAC em janeiro deste ano.

Uma "escola" repleta de Cultura

Essa vertente mais "pedagógica" concretiza-se também pela amplitude das faixas etárias reunidas no seio da associação. Uma grande

franja é constituída por jovens, mas há também crianças e adultos envolvidos. A partir da convivência intergeracional floresce uma partilha de conhecimentos e princípios que se expandem para lá das Artes, revelando-se "uma mais-valia" para a associação.

Uma prova disso é Mariana Cruz, de 23 anos, da secção de Música. A jovem está pela associação há quase duas décadas e conta que o seu pai também cresceu por ali. Anos mais tarde, procurou incutir os valores que ali adquiriu nela e no seu irmão, envolvendo-os nas iniciativas do grupo.

"Aprendemos a ser pessoas aqui. Ganhamos sentido de responsabilidade e há respeito comum. Temos muitas pessoas que cresceram aqui, por exemplo, a fazer teatro, que não se tornaram atores, mas reconhecem os benefícios de estar envolvidos nas atividades. O CiRAC é uma fonte de ensino informal" - complementa Fausto Sá.

No entanto, esta "escola informal" extravasa as paredes do edificado para marcar presença na "escola a sério". Seja em cursos profissionais ou junto de jovens e adultos com insucesso escolar, a instituição procura envolver-se com a comunidade local de forma a "proporcionar e dar algo que desperte o interesse e a evolução".



“O nosso objetivo não é fazer dinheiro, mas precisamos dele para sobreviver. Esta casa precisa de obras e temos já alguns problemas na nossa fachada...”

– Fausto Sá,
presidente do CiRAC

Reinventar para superar desafios

Essas atividades têm surtido efeitos positivos junto da população, mas Fausto Sá reconhece que a angariação de jovens e a sua formação para que possam, posteriormente, encabeçar as secções do CiRAC são desafios difíceis, assim como a “velha história” do

financiamento.

“O que procuramos fazer é reinventar através da criação de grupos novos. O CiRAC começa com um grupo coral e de teatro e mais tarde, por exemplo, surge a Escola de Pintura. Na altura existia esse interesse e é uma atividade que atrai os jovens da região. Depois surgiu o grupo de Saltimbancos de Santa Maria, que atua em feiras medievais com percussão e artes circenses, e, atualmente, é um grupo que atrai imensos jovens” - explica o presidente da associação.

A criação destas novas dinâmicas abrange ainda novas iniciativas, como são exemplo as recentes “Jam Sessions”, as sessões de comédia, de Cinema ou os jogos de tabuleiro. Há uma genuína preocupação em acompanhar a tendência das novas gerações e Filipa Bastos considera que essa adaptação e implementação de novidades é um processo “natural”, em que cada novo membro “traz um pouco de si” para a associação.

“As pessoas vão chegando, dão ideias e acabam por se concretizar. Por exemplo, há uns anos fizemos um musical aberto a toda a comunidade - com escolas e centros de estudo - em que quem quisesse podia participar no elenco, no coro ou na banda. Esse tipo de atividades mais esporádicas traz sempre uma onda de pessoas com novas ideias” - relembra a jovem.

Ainda que lhes seja possível apostar em novas ações, Fausto Sá também reconhece

que há a “velha história” do financiamento. “Ao sermos uma associação sem fins lucrativos, o objetivo não é fazer dinheiro, mas precisamos dele para sobreviver. Esta casa precisa de obras e temos já alguns problemas na nossa fachada... É sempre uma luta a procura por apoios financeiros e sem eles muitas das atividades não seriam possíveis. Temos sorte de viver num concelho em que a Cultura local é muito valorizada pela população e temos alguns apoios da Junta de Freguesia, da Câmara Municipal e do Estado, mas não são suficientes” - afirma.

“Sinto que aqui estamos um por todos e todos por um. Crescemos aqui, fazemos muitas amizades e somos mesmo uma família.”

– Mariana Cruz,
secção de Música

A continuação de uma história com 47 anos

Filipa, Fausto e Mariana manifestam uma grande estima pela associação. É o “ponto de encontro” destes e tantos outros associados. “Sinto que aqui estamos um por todos e todos por um. Crescemos aqui, fazemos muitas amizades e somos mesmo uma família” - considera Mariana Cruz.

Para o futuro, o CiRAC pretende “continuar a fazer tudo” para que a casa “não esmoreça”. “Temos de trazer e angariar mais jovens para dar continuidade ao nosso trabalho. Esse é um dos maiores desafios. A juventude afastou-se um pouco do meio associativo, mas as nossas portas estão abertas. Queremos dar oportunidades e formar estes jovens para serem cidadãos responsáveis e ativos na sociedade” - atenta Fausto Sá.

Em complemento à sua ideia, Filipa refere que a introdução de novas atividades também será para manter e reitera que, por ali, “há sempre alguma coisa para fazer e aprender”. “Não é preciso nenhum talento, só a motivação”, conclui.

VENI, VIDI, VICI: A "ONDA CULTURAL" DE UM COLETIVO ESPINHENSE CHEGOU PARA FICAR



Foto: Rudi Navarro

Há cerca de oito meses, Luísa França, Ricardo Riscas, Laura Calado e João Martins fundaram o Coletivo Salitre, responsável pelo retomar de uma programação cultural alternativa em Espinho. Desde então, este grupo multidisciplinar expandiu-se. Hoje, conta com o envolvimento de uma dezena de pessoas motivadas na entrega de qualidade e diversidade nesta "nova onda" de propostas artísticas e culturais que "assalta" a cidade a cada dois meses. Concertos, DJ sets e a criação de espaços e oportunidades para a exposição de artistas de diversas áreas são componentes de uma fórmula frutuosa que, por enquanto, será para manter. O futuro, dizem, "é uma incógnita". Mas a ambição da Salitre Coletivo não se esgota e a maior delas passa por realizar um festival em Espinho.

Criado em outubro de 2022, este coletivo emerge da vontade de um grupo de jovens que deu conta do que fazia falta na cidade. "Desde há muito tempo que eu, a Luísa, a Laura e o Ricardo costumamos ir juntos a festivais. E ficamos um pouco desencantados com a cidade de Espinho por não ter uma programação cultural voltada para a 'cultura de concertos', nem uma entidade ou coletivo que aglomerasse a música e outras áreas artísticas" - introduz João Martins que, tal como Laura Calado, faz parte da banda "Summer of Hate".

Por estar "dentro do circuito", o interesse de João por "criar algo" em Espinho foi aguçado pelas questões que lhe iam colocando: "Porque

é que ninguém da região do Grande Porto ou do circuito underground toca aí em Espinho?". Não havia uma justificação evidente.

"Decidimos então colmatar essa lacuna e dar espaço e plataforma para que projetos de Espinho possam figurar no cartaz dos nossos eventos, para que os artistas se tornem conhecidos na região e permitir a interação com outras entidades e pessoas" - explica.

A "impressão digital", e, por isso, única, da Salitre está intimamente ligada à vertente cultural "mais alternativa e underground", explica a produtora de eventos (e também DJ), Luísa França. Considera que a cultura de concertos que existe em Espinho possui um registo "muito institucional" e, embora a Academia de Música faça "um trabalho excepcional" nessa vertente, diz que "a ligação ao underground e até clubbing não existia em Espinho".

Por essa razão, João Martins considera relevante "expor as pessoas a sons não-convencionais", como o rock psicadélico, o punk, pós-punk e outros géneros musicais. Suportado no número de pessoas que afluem a cada evento, que ronda cerca de uma centena, afirma que "há público para isto". "É muito importante para a cidade de Espinho expor as pessoas a este tipo de sons, tem de haver diversidade", defende.

Atualmente, a Salitre Coletivo conta já com uma "lista enorme" de bandas interessadas em atuar pela cidade. No entanto, "tem de ser tudo com muita calma".

Ausências & Respostas

Embora tenham um foco explícito na música, a essência do coletivo não se restringe apenas a essa componente. Laura Calado explica que também criaram "espaços e oportunidades" para outros artistas "fora da música", até porque o grupo reúne pessoas de "vários meios artísticos" ou que, simplesmente, gostam de "consumir Cultura".

Surge, assim, o Mercado das Artes, que tem acompanhado a maioria dos eventos e que antecede o frenesim noturno que se instala à beira-mar. "É uma tarde em que abrimos portas a todos os artistas, especialmente de Espinho, que queiram participar e apresentar o seu trabalho. O Mercado das Artes surge

Tem sido tudo pela cidade, pela Cultura e pela 'tribo urbana' que sabemos que existe.

- Luísa França

porque também notamos essa ausência de um espaço de exibição para os artistas mais jovens, que ainda não conseguiram criar contactos ou aceder a sítios mais tradicionais, como uma mostra de arte. Desta forma podem aceder facilmente a um espaço local para apresentarem os seus trabalhos”, contextualiza a jovem ilustradora.

O reconhecimento local

Entre os sete eventos já realizados e as opiniões que vão chegando, o balanço revela-se positivo. “O mais recompensador”, diz Luísa França, são as pessoas que dizem sentir-se “representadas e incluídas” na sua cidade. “São elas que nos dão força para continuar a fazer cada vez mais e melhor”, afirma a DJ ao revelar que há até quem peça “mais regularidade” nas iniciativas.

“Mas nós temos os nossos trabalhos, as nossas vidas, e não é possível fazer com muita mais frequência. Ainda assim, isso dá uma motivação extra para continuarmos. Tudo o que fazemos é pro bono e, com a exceção das bandas que atuam, ninguém ganha dinheiro com isto. Tem sido tudo pela cidade, pela Cultura e pela ‘tribo urbana’ que sabemos que existe” - aponta.

Há “falta de espaço”...

Quanto às adversidades que o grupo tem constatado, Laura Calado é sucinta: procuram fazer muito com o pouco que têm.

“O coletivo começou há pouco tempo, somos apenas 10 pessoas e somos ‘do povo’. Sozinhos não íamos conseguir organizar um evento com concertos, nem oferecer aos artistas as condições que precisam. Então, tivemos de procurar por espaços que proporcionassem isso. Diria que uma das maiores dificuldades é essa: precisamos sempre de um espaço equipado e de uma organização ou entidade que nos ajude e faculte as ferramentas para fazer acontecer” - aponta.

Essa necessidade acabou por resultar numa colaboração com agentes económicos locais, como são exemplo a Gelataria Esquimó ou o Doo Bop, que se traduz num “benefício recíproco”, considera João Martins. “Não tem como falhar. São bons locais para nós e os próprios negócios também acabam por ser dinamizados”.

Embora expressem a sua gratidão por esta relação com a economia local, os três admitem que gostavam de “experimentar coisas novas” e “em sítios diferentes”.

“Obviamente que a Academia também está preparada para receber concertos, mas como o nosso intuito é fazer este tipo de eventos nestes locais, o Doo Bop parece ser realmente o único bar preparado para os receber” - refere Luísa.

... e de pluralidade no mapa cultural

Além disso, uma programação cultural “muito mais representativa”, “com maior frequência” e “diversidade” no tipo de eventos e espaços em que decorrem, são outros fatores que estes três jovens ainda sentem falta em Espinho.

“Vive-se muito da sazonalidade do Verão e, mesmo o que acontece por essa altura, carece de diversidade” - considera Luísa. Por sua vez, Laura Calado sugere que “passar do interior para o exterior”, de forma a criar dinâmicas diferentes, já seria “suficiente”. “Quando as coisas se tornam muito iguais, o interesse tende a desvanecer”, afirma.

“Se calhar também há esta ideia de que a maioria das pessoas não vai gostar deste ou daquele tipo de sonoridade ou evento. Mas isso não é assim. Não podemos estereotipar todo um grupo de pessoas, se não lhes damos outras opções. Haver essa sensibilidade, até por parte da Câmara Municipal, contribuiria imenso para o concelho”, complementa João Martins.

Um futuro em aberto

Por entre as tardes solarengas (ou vento-sas) em que o corredor no interior da Gelataria Esquimó se preenche de Arte, cores e sons, ou as noites de expressão musical do talento externo, em que se criam pontes, se despertam sentimentos e se registam memórias com os locais, a Salitre quer (e vai) continuar por cá.

“A ideia passa por manter a consistência na regularidade e na qualidade dos eventos. Quando cumprirmos um ano queremos

É muito importante que os jovens artistas se unam e façam coisas juntos. Foi assim que a Salitre nasceu.

- Laura Calado

fazer algo especial, mas isso ainda está a ser estudado. A longo prazo... é tudo uma grande incógnita. A cada evento tentamos trazer algo diferente, inovador, mas, eventualmente, as hipóteses vão esgotar-se e teremos de pensar em algo maior, que envolva outros orçamentos” - reflete Luísa França.

Para João Martins, “o sonho” passa pela realização de um festival. “Isso seria mesmo fixe. Tal como o festival de Paredes de Coura dinamizou aquela vila, nós também queríamos que isso acontecesse em Espinho” - arremata.

O coletivo refere ainda que está “totalmente disponível” para reuniões, conversas abertas e outras iniciativas e que todos os jovens interessados pela Arte, pela Cultura e que queiram envolver-se no meio “são bem-vindos”.

Foto: Rudi Navarro



OLHOS NOS OLHOS

Numa sociedade cada vez mais presa aos ecrãs dos dispositivos móveis, onde as pessoas estão cada vez mais desligadas do seu contexto físico e menos conscientes do uso do corpo em detrimento de uma experiência cada vez mais individual e desincorporada, procuramos desenvolver estratégias que nos permitam entender como podemos inverter esta realidade e este comportamento através da prática artística, mais concretamente através de instalações artísticas em espaço urbano.

O uso constante de dispositivos móveis, e a presença cada vez mais frequente de projetos artísticos no contexto urbano, dá-nos a possibilidade de reconfigurar a cidade e de desenvolver novas leituras do espaço urbano. É através da nossa prática artística que pretendemos entender como ocorre a exploração física do espaço e de que forma podemos estimular criações individuais e/ou coletivas através da participação do público.

O desenvolvimento da tecnologia digital veio potenciar a interação e a participação do público em instalações audiovisuais, desenvolvendo as relações entre ecrãs, sistemas digitais e contexto físico, permitindo experiências cada vez mais imersivas e híbridas, relacionando o espaço real com o espaço virtual. Esta investigação analisa os desenvolvimentos técnicos e conceptuais a partir da década de 1960, especificamente com o Cinema Expandido, com instalações audiovisuais e performances, onde se exploram configurações cada vez mais participativas e relacionais. Estas novas possibilidades permitem-nos estabelecer uma relação entre essas técnicas e a origem do conceito de Espaço Aumentado. O Cinema Expandido surge num contexto caracterizado por uma nova experiência artística e cultural, em que a vídeo arte e a performance proporcionam uma linguagem que explora, estimula, e expande "a nossa apreensão da realidade".

Vivemos num contexto em que o ecrã assume uma importância determinante em vários aspetos da nossa vida, tanto profissional como social, não só como interface, mas como também pelo elevado número de operações que podemos executar através de softwares cada vez mais interativos. Assisti-

mos a um desinteresse cada vez maior em relação ao contexto físico, que torna o espaço urbano cada vez mais num espaço decorativo e de passagem, já que as tecnologias ubíquas absorvem cada vez mais a nossa atenção. A facilidade em registar, aceder e partilhar conteúdos em tempo real, torna-nos mais alienados e menos conscientes, não só relativamente ao contexto físico que nos rodeia como também ao nosso próprio corpo. Podemos mesmo observar situações em que as pessoas se encontram de tal forma imersas no seu dispositivo móvel, que perdem a noção de por onde se deslocam, indo contra obstáculos ou mesmo umas contra as outras.

Esta alienação do contexto físico é estudada por Sherry Turkle (2011) no livro *Alone Together*, em que defende que temos demasiadas expectativas em relação à tecnologia e, portanto, esperamos cada vez menos uns dos outros. Turkle considera que o facto de estarmos sempre hiperconectados tem como causa o medo e o receio da solidão, que nos leva a isolar no nosso próprio ecrã.

Na nossa investigação observamos que este isolamento potenciado pela tecnologia traduz-se numa experiência cada vez menos consciente em relação ao contexto físico. É através do desenvolvimento de diferentes ecrãs, de novos sistemas (lineares, reativos ou interativos) e de novas abordagens em relação ao contexto físico, que pretendemos contribuir para uma melhor compreensão no que se refere à forma como ocorre a exploração física do espaço fazendo do corpo o veículo da experiência.

Podemos assim concluir que na sociedade contemporânea, assistimos cada vez mais a uma perda da ligação entre as pessoas e os contextos físicos. Este facto deve-se ao aparecimento e desenvolvimentos dos novos ecrãs portáteis o que se traduz uma experiência mais individual e cada vez menos atenta aos contextos físicos. Temos cada vez menos aptidão para olhar à nossa volta de forma consciente, o que demonstra um desinteresse pelo mundo físico em detrimento do mundo virtual. Voltar ao contacto olhos nos olhos.



Ivo Teixeira

Nota biográfica:

Ivo Teixeira nasceu em Espinho, vive no Porto e é artista visual, Phd em Media Digitais (UT Austin Portugal), Professor Auxiliar Convidado na Universidade do Porto e na Universidade Portuguesa. Cofundador e diretor criativo do estúdio de arte Openfield-CreativeLab (2015), onde desenvolvem projetos multidisciplinares que exploram a poderosa combinação entre a Arte e a Tecnologia com o objetivo de criar novas experiências imersivas e colaborativas, tendo já apresentado projetos em cidades como Porto, Lisboa, Nova Iorque, Hong Kong, Brighton, Bari ou Bilbao.

DA RUA ATÉ À “SALA DE AULA”: NEK PLANEIA CRIAR UMA ESCOLA DE GRAFFITI PARA INSPIRAR OS MAIS JOVENS



NEK é a assinatura com a qual o espinhense Bruno Nogueira se dá a conhecer no universo do graffiti. Entre as inúmeras latas utilizadas e os sprays que vão sobrevivendo às marcas do tempo, o jovem artista diz estar “a viver o sonho”. Tem a liberdade para pintar aquilo que sente e, com raízes bem assentes nos valores do “Hip-Hop de antigamente”, vê no graffiti um meio para cultivar a Cultura, fomentar valores, princípios, e, sobretudo, de comunicar com os mais jovens. Tudo o que faz (legalmente ou não) “é para transmitir com Arte” e o seu imaginário não se esgota por aqui. Ambiciona, em breve, fundar uma escola de graffiti direcionada às gerações mais jovens - um plano que considera ser “o melhor contributo” com que pode presentear a sociedade.

A paixão de Bruno pelo graffiti faz já muito tempo. Cresceu numa era digital, embora “muito diferente” da que existe hoje, em que era fácil aceder a informação e conhecimento sem ter de sair de casa. “Já havia muita cultura disponível e é importante dizer que Espinho foi um dos pontos pioneiros do graffiti. Felizmente, tive oportunidade de conhecer essa arte e comecei a praticá-la em 2009” - relembra.

Entre risos, confessa que o seu primeiro graff “foi horrível”. “Não tinha qualquer experiência, mas comecei a praticar por aí e

considero-me um sortudo por ter vivido nessa cultura” - admite. No baú das suas memórias tem guardados os tempos da escola que diz terem sido um dos seus “melhores momentos”. Estudou no (outro) Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas e foi por lá que teve “um conjunto de bons professores” que lhe ensinaram a liberdade do desenho. “Eu já tinha uma certa cultura de rua e tudo o que quis aprender com as aulas foi com a intenção de transpor para o graffiti. Queria dar uma ‘lufada de ar fresco’ àquilo que já existia”, conta o jovem artista.

Se hoje “vive o sonho”, isso deveu-se ao esforço que empregou, desde essa altura, na sua evolução artística. Munido de um sentido autónomo e autodidata, a venda de retratos - que começaram pelo papel e se estenderam até à personalização de mochilas e sapatilhas - foi a fórmula que encontrou para angariar algum dinheiro quando ainda estudava.

“Não podia simplesmente virar-me para os meus pais e pedir-lhes para me comprarem latas... Então, comecei a fazer esses retratos para vender e com esse dinheiro comprei os meus primeiros materiais” - afirma Bruno que, por diversas vezes, sublinha que “é a misticidade do graffiti” que o leva a querer fazer “sempre mais e melhor”.

O reverso da moeda

O talento que desenvolveu levou-o a profissionalizar-se e hoje procura ser versátil em tudo o que pinta. Atualmente, NEK conta com um vasto repertório de trabalhos. Embora haja quem aprecie o seu trabalho, também há o reverso da moeda.

“Muitas vezes as pessoas ou entidades que me contactam não valorizam o trabalho. Podem pensar que estou “armado em Picaso” ou assim, mas os materiais estão cada vez mais caros e a vida também. Tal como qualquer pessoa, tenho contas para pagar e responsabilidades. Por isso, não descredibilizem os artistas. A minha motivação não é o dinheiro, apenas quero tornar-me cada vez melhor, pintar em vários sítios e espalhar o meu nome. Mas, claro, há outras responsabilidades” - confessa.

Uma escola de graffiti para os mais jovens

No graffiti, assim como na vida, considera que não existe “liberdade total” e, por isso, acha importante “educar os jovens”. “Tudo o que faço é para transmitir com Arte e acho que se tiveres boas intenções e boas condutas, o trabalho vai ser apreciado. As intervenções que faço não são para degradar. São feitas com a intenção de cultivar e dar o melhor de mim aos outros” - explica.

Esta premissa está explícita no novo plano que ambiciona concretizar ou, se preferirmos, no sonho que quer tornar em realidade.

“O graffiti e as aptidões técnicas subjacentes não são especificamente ensinadas na escola, então um dos meus sonhos é esse: criar uma escola de graffiti que possa envolver os valores e a cultura em que vivi. Seria direcionada aos mais jovens, até porque o futuro reside neles. Penso que será o meu melhor contributo para a sociedade” - revela Bruno Nogueira.

“Educar os jovens que se interessem pelo graffiti pode ser benéfico para transmitir certas mensagens e talvez fizesse sentido envolver psicólogos ou profissionais de outras áreas. Acho que pode ser uma nova forma de os jovens interiorizarem mensagens, valores e princípios”, arremata.

Curiosidade

O nome “NEK” surgiu pela necessidade de Bruno Nogueira adoptar uma “tag”, uma gíria do mundo do graffiti que se traduz numa “marcação” de quem pinta. “Lembro-me que na altura surgiram imensas possibilidades, mas decidi-me ficar por esta devido à influência de alguns amigos e porque também não gastava muita tinta [risos]. São letras que sempre gostei de desenhar e “NEK” é um nome que me soa bem ao ouvido” - revela o artista.

BORDALO II: "A ARTE DEVE SER PARA TODOS E O ESPAÇO PÚBLICO É O MELHOR SÍTIO



Artur Bordalo é hoje conhecido por Bordalo II. Desde 2012, desenvolve um trabalho comparável à montagem de um "puzzle ecológico": qualquer pedaço de lixo pode figurar nas suas peças escultóricas que, frequentemente, retratam animais. As suas criações, com as quais nos podemos cruzar em locais públicos, estão espalhadas de Norte a Sul de Portugal, assim como em mais de 20 países dos quatro continentes. Mais do que artista, Bordalo II pode ser entendido como um "artista". É nessa fusão, entre a arte e o ativismo, que o seu trabalho viaja numa busca incessante pela inquietação e provocação.

Com apenas 11 anos, a aventura de Bordalo começou. A sua juventude ficou marcada pelas horas passadas junto do avô e pelo graffiti ilegal no submundo da cidade lisboeta. "Eu venho do graffiti, foi esse o meu início no mundo artístico e depois enveredei na academia. Estudei nas Belas Artes e, quando comecei a desenvolver o Bordalo II, quis atribuir uma componente ativista à minha obra" – relembra.

A escolha do seu heterónimo (Bordalo II) é uma forma de homenagear o seu avô, o pintor Real Bordalo, que tem como propósito promover a continuidade e reinvenção do seu legado artístico.

O percurso académico de Artur Bordalo na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, que se revelou uma experiência "inacabada", proporcionou-lhe novos conhecimentos e práticas

que lhe permitiram encontrar-se. No fundo, abriram-se horizontes. Foi por lá que conheceu a escultura, a cerâmica e onde pôde operar com uma multiplicidade de materiais que, por consequência, o levaram a distanciar-se da pintura. Desde então, contam-se mais de dez anos desde que Bordalo começou a reaproveitar materiais para explorar cores, escalas e fomentar esta reflexão sobre a "sociedade materialista e gananciosa", da qual também faz parte.

Se no início desta jornada a "matéria-prima" de eleição era o plástico, hoje o espectro ampliou-se. "Qualquer material desperdiçado poderá ter interesse para mim, mesmo que isso não se verifique agora, pois estou sempre em evolução criativa. Na altura, o plástico era uma praga muito comum e consegui desenvolver com esse material uma técnica e estética com que me identifico. Mas agora já uso outros materiais, que se trabalham de maneira diferente, que também são interessantes e me permitem expandir a criatividade a outros lugares", explica.

Bordalo II já criou mais de 200 esculturas de animais, de pequena e grande escala, o que, no total, traduz-se no reaproveitamento de dezenas de toneladas de "lixo". A preferência pela representação destes seres vivos deve-se, sobretudo, por serem "as vítimas do problema causado pelo homem" – como é o caso da ameaça da extinção de algumas espécies – e por serem aqueles com que a sociedade

estabelece uma "maior empatia".

"A minha influência foram as pessoas e os seus costumes, um pouco por todo o lado. A minha infância em Sintra aproximou-me desde logo aos animais, à Natureza e às questões relacionadas com eles" – justifica.

A temática predominante na sua produção artística, que se figura como um manifesto, aborda o dilema da produção excessiva de bens e do consumo desenfreado. Esta conjuntura, para o artista, conduz a uma geração constante de resíduos que, em última análise, degradam o planeta e lesam os seres que nele habitam.

O "lixo" constitui-se, assim, como o elemento insólito e central da reflexão paradoxal de Bordalo II: o material com que constrói estas esculturas de animais, é o mesmo que os mata. Esse é o ponto fulcral da cogitação que espera despertar na sociedade sobre os seus atos e hábitos, embora considere que o problema ambiental mais preocupante reside na "inércia das grandes corporações".

"Tenho uma série de trabalhos que se chama assim mesmo – "Provocative" – e pretende provocar, em primeiro lugar, os incitadores das situações que critico com estas peças e que, por norma, estão relacionadas com questões polémicas da atualidade. Mostram o meu ponto de vista. Depois o objetivo é incitar o diálogo sobre estes assuntos" – afirma o jovem.



“Big Trash Animals”

Uma das séries de trabalho mais notória de Bordalo II é esta em que representa os animais em grande escala. Construída quase na totalidade com o mesmo material que os destrói, o artista procura promover uma “relação emocional” entre os animais de grande porte e quem os observa.

A escolha dos seres retratados em “Big Trash Animals” recai, frequentemente, nas espécies autóctones, em perigo, em extinção ou já mesmo extintas. O processo de cada criação envolve a recolha de material, o corte, a adaptação do mesmo, a montagem, a fixação e a pintura, se assim for necessário.

Este projeto artístico começou com a subsérie “Neutral”, onde, posteriormente, Bordalo passou a explorar a possibilidade de uma divulgação mais vasta da matéria-prima utilizada (maioritariamente plástico reutilizado), dispensando o uso de tinta em parte da obra, com a “Half Half”. Em jeito de conclusão, a subsérie “Plastic” foi o desfecho deste ciclo de trabalhos, na qual optou por divulgar totalmente essa mesma matéria-prima. Atualmente, existem mais de 200 “Big Trash Animals” espalhados pelo mundo.

A série “Provocative”

Uma outra sequência de criações que Bordalo II desenvolveu, entre 2014 e 2015, foi a “Provocative” utilizando tecido e mobiliário urbano. A intenção passou por apresentar um “olhar crítico sobre a sociedade, os seus intervenientes e os vários constrangimentos”, retratando assuntos como a poluição, a exploração da mulher, o sensacionalismo mediático, a conectividade e o controlo, entre outros. Estas pequenas intervenções efémeras, que decorreram maioritariamente nas cidades de Lisboa e Covilhã, procuram ser um “veículo de comunicação e sensibilização através da arte”.

Para o futuro, Artur Bordalo adianta que as novidades estão para chegar ao terreno. “Tenho novas séries que mostrei na exposição Evulution e, se tudo correr bem, vão começar a aparecer pela rua em breve” - conclui.

Foto: Miguel Portelinha

A arte no “espaço comum”

Os trabalhos de Bordalo II estão dispersos por toda a parte. Desde espaços destinados à exibição (gratuita) de obras inéditas da sua autoria, como a “Evulution” em Lisboa, ou a famosa escultura de um coelho gigante em Vila Nova de Gaia, o seu trabalho não conhece fronteiras. Literalmente.

“As exposições são a maneira que tenho de exibir o que tenho desenvolvido nos últimos anos. Entretanto, desenvolvemos novas séries de trabalho e outras maneiras de usar objetos desperdiçados e com isso pretende-se transmitir mensagens mais específicas dentro do tema principal. Mas acho que a arte deve ser para todos e o espaço público é o melhor sítio para isso” - defende o artista.

Questionado sobre como é feita a escolha do sítio mais adequado para as suas obras serem apreciadas, Bordalo refere que, normalmente, “o convite surge” para intervir em certas fachadas ou locais públicos. O mais importante, sublinha, é que seja um local “com boa visibilidade”.

O seu périplo por outros países constitui também um contraste significativo com a forma de criar, produzir e expor este tipo de arte em Portugal. “As culturas são diferentes e recebem as peças de maneira distinta. Onde noto as maiores diferenças é na produção, porque há sítios que têm imenso lixo e em outros é preciso comprá-lo” - afirma.





NTS ESTÁ A "COZINHAR"

NOVO ÁLBUM E QUER

TORNAR ESPINHO

O EPICENTRO DO

IMPROVISO COM

COMPETIÇÃO INÉDITA

"Nada Temas" deverá sair até ao final deste ano e, embora já esteja a pensar no próximo projeto, o artista vareiro garante que a mensagem positiva continuará a marcar presença.

O nome Fábio Vitó poderá soar familiar a alguns. Mas três letras bastam para reconhecer (ou pelo menos já ter ouvido falar) de quem se trata: NTS. O outrora "rapper promissor", natural de Ovar, tornou-se um artista reconhecido a nível nacional entre os milhares de fiéis ao Hip-Hop ou, simplesmente, por quem "curte" o seu trabalho. Comprometido com as rimas e as batidas desde há duas décadas, o jovem apaixonado por música conta com quatro EP's, um álbum e o lançamento de vários singles. No entanto, a criatividade não se esgota e já tem outros planos "na manga". Até ao final deste ano, um novo álbum sai para as ruas e quer "elevar a fasquia" no mundo da improvisação de rap com uma prova inovadora para tornar Espinho na "Meca" do improviso.

Um CD de DaWeasel foi o ponto de partida para o Fábio Vitó de 13 anos começar a escrever. Alguns das referências mais

sonantes do panorama do Hip-Hop português, como Dealema ou Sam The Kid, assim como o incentivo do seu primo Ângelo, foram fatores que impulsionaram um percurso musical que, cinco anos mais tarde, se tornou "profissional". Aquilo pelo que ficou mais conhecido – a improvisação com palavras – surgiu como uma resposta à "necessidade" do prazer de juntar palavras e frases para rimar.

"Nessa altura não tínhamos telemóveis como hoje e eu não podia estar em casa a escrever até muito tarde. Ainda era um miúdo, tinha de desligar as luzes para ir dormir", explica. "Então, comecei a criar as letras na minha cabeça e a tentar decorá-las. A partir daí seguiram-se frases e mais frases, o que permitiu que a minha velocidade de pensamento se tornasse cada vez mais rápida".

O "salto" com a "Liberdade"...

Fábio considera que, aos 18 anos, foi quando deu o 'salto' enquanto "amador" para "profissional" e isso deveu-se ao seu envolvimento com algumas pessoas de Espinho.

"Na altura já gravava e escrevia, mas ir a um estúdio e trabalhar com pessoas que percebem do assunto, é diferente. Fui para um estúdio que havia cá em Espinho, do Vítor Alpha, que é o criador da Recarga, não só enquanto estúdio, mas também do coletivo, e no dia anterior aos meus 18 anos gravei a 'Liberdade'. Saí de lá com a sensação de que tinha feito a minha melhor música até então" – relembra.

Ainda hoje não esqueceu esse dia: pagou cinco euros para alguém o levar até ao estúdio e, com a música já gravada, alguns dos seus amigos foram buscá-lo por volta da meia-noite para celebrar o seu 18.º aniversário.

"Lembro-me do telemóvel que tinha, da mala do carro em que entrei para me vir embora e... só peguei no telemóvel e disse aos meus amigos: 'ouçam isto, eu fiz isto'. É uma sensação que não dá para explicar" – admite.

Volvidos dois meses, o estúdio da Recarga passou a ser, literalmente, a sua casa. Poder-se-ia dizer que foi o seu refúgio em tempos, onde "comer, dormir e fazer música" virou rotina.

... e mais um "ponto de viragem"

O que, em certa medida, é reconhecido é o estilo vanguardista que empregou na improvisação com palavras revelou-se uma característica diferenciadora no panorama artístico. Quando ainda era adolescente, Sam The Kid atuou na sua terra natal e, no decorrer do concerto, o rapper de Chelas lançou o desafio de alguém subir ao palco e "mandar umas rimas".

"Isso também foi um ponto de viragem. Estavam ali milhares de pessoas a ver o concerto dele. Ele lançou esse convite, eu lancei-me e correu mesmo bem. A partir desse momento, muitas pessoas passaram-me a conhecer pelo improviso e, claro, também por todas as campanhas de escola em que participei e pela consistência dos vídeos no Youtube em que improviso"- reconhece.

"Jogos", aptidões e o processo criativo

O talento foi-se aprimorando pelos desafios e dificuldades que impôs a si próprio. Rimar de olhos fechados, utilizar uma única terminação ou limitar-se ao uso de certas palavras são alguns dos "vários jogos" que criou ao longo do tempo para se tornar "mais completo".

"Mais do que a aptidão para improvisar e conjugar palavras que rimem, as frases têm de fazer sentido. E depois ainda há a atitude, o tom e o ritmo com que exprimes essas palavras. Tudo tem de estar de acordo com o que queres transmitir" – acrescenta.

Atualmente, com 32 anos, muito do seu processo de criação na música ainda passa pela improvisação. Entra o instrumental e, durante 30 minutos, é "só improvisar".

"No fim, junto as melhores partes. Posso alterar uma frase ou palavra, mas o sentimento tem de estar ali. Se alguma coisa não encaixar e tiver de retirar várias palavras, decoro tudo e tento replicar o sentimento", explica.

Novo álbum a caminho

Aquilo que escreve, de forma rimática, nem sempre resulta em músicas ou descrevem aquilo que Fábio Vitó é. Pode encarnar "outra personagem", colocar-se no lugar de outros, descrever situações hipotéticas ou "alguma coisa que outra pessoa esteja a passar ou a sentir".

Imbuído neste espírito criativo, NTS revela que um novo álbum está para breve. "Nada Temas" é o nome escolhido para o projeto e que emerge a partir de uma faixa sua em que aborda o assunto de "não ter medo", de "ser quem somos", das vivências mais difíceis da vida.

"Essa música surge porque um amigo meu estava a passar um momento mais complicado e serve para lhe dar força e ânimo. Essa é a mensagem principal do álbum. Mas também terá aquele lado mais 'parvo' e cómico pelo qual sou conhecido e, claro, não podia faltar a minha crítica a esta nova geração – daqueles que fazem como todos fazem. Haverá ainda uma música para a minha mãe, que faleceu quando eu tinha cinco anos, e será a primeira vez que vou tocar nesse tema" – adianta.

Embora o número de faixas ainda não esteja fechado, "Nada Temas" será um reflexo de NTS, da sua imaginação, que está previsto sair no último trimestre deste ano.

Espinho neste momento é a capital das batalhas de improviso em Portugal

Improvisar com "Alta Fasquia"

E há mais: "Ainda este ano vou lançar a 'minha' liga de improviso e será diferente de todas as outras. Resumidamente visa testar o MC ou o rapper em várias vertentes do improviso. Eu estou há 20 anos nisto e para testar o nível de improviso de um rapper, não pode ser só na batalha. Até podes ser o melhor a responder ao outro, mas se te pedir para rimares sobre uma garrafa de água comigo, podes não ter essa habilidade... Então, decidi criar esta competição que testa várias competências, em diferentes situações e em diversos sítios" – desvenda.

"A competição pretende testar o MC em três frentes: na rua, com as batalhas de improviso; em estúdio, onde decorrerão cinco rondas com desafios, regras, tempos e instrumentais diferentes, e, por último, os oito rappers com a melhor pontuação vão a uma final, que será um evento ao vivo, com palco, e onde os desafios serão uma mistura entre essas duas vertentes" – detalha Fábio.

Entre os vários sítios em que já viveu – Esmoriz, Paços de Brandão e Espinho –, admite que este último, onde vive há cerca de cinco anos, é o local que mais o valoriza e lhe transmite o reconhecimento.

"Espinho neste momento é a capital das batalhas de improviso em Portugal. Sempre que faço as transmissões em direto nas redes sociais, por exemplo, com a "Batalha 4Cinc00", ainda que não faça parte da organização, temos entre cinco a 10 mil pessoas de todo o país que passam pelas plataformas. Portanto, esta nova competição que estou a preparar acontecerá, à partida, em Espinho. Eu quero fazer isto cá e que, quando se falar de Espinho, esta terra seja conhecida por ser a "Meca" da competição de improviso de rap"- conclui.

Mais do que a aptidão para improvisar e conjugar palavras que rimem, as frases têm de fazer sentido.



JOÃO E PEDRO SÃO A "CARA E A COROA" DE UM CANAL DE YOUTUBE COM MAIS DE 85 MIL SEGUIDORES

Na encruzilhada da vida, as escolhas moldam destinos e essa jornada é repleta de dualidades: há momentos de alegria e tristeza, de sucesso e fracasso. Mas quando o trilho é percorrido por duas pessoas unidas em torno de um objetivo comum, qualquer horizonte infinito parece perfeitamente alcançável. Pode-se dizer que esse é o caso de João Bernardes e Pedro Lopes: duas pessoas "muito diferentes", mas também "muito parecidas", que decidiram "lançar a moeda" e enveredar no projeto "Cara Coroa".

O que começou como um blogue de estilo de vida, em 2018, é hoje um canal de Youtube que se tornou a "segunda casa" (e o trabalho a tempo inteiro) deste jovem casal residente em Santa Maria da Feira. João e Pedro, os autores do "Cara Coroa", publicaram os seus primeiros vídeos no mesmo ano em que o website foi lançado, trazendo uma dualidade de situações abordadas em artigos sobre estilo de vida, viagens, moda e beleza.

"Quando nos aventuramos para o Youtube percebemos que era ali que nos divertíamos mais e onde as pessoas se ligavam mais a nós. Era o sítio em que podíamos fazer algo que nos motivasse a continuar e agora já temos quase cinco anos deste projeto" - começa por explicar Pedro Lopes.

O seu parceiro, João Bernardes, recua ligeiramente no tempo para explicar o que os conduziu à criação de conteúdos digitais. "Eu estive associado ao Teatro, à televisão e Cinema e trabalhar nestas áreas em Portugal é um pouco complicado. Tanto podemos estar empregados como, de um momento para o outro, estamos sem trabalho durante cinco, seis ou sete anos. Após essas experiências, senti que não queria estar a depender de outros para alimentar o meu lado criativo" - revela o jovem que participou em séries televisivas,

como "Morangos Com Açúcar", e no filme "Variações".

Adianta também que havia o desejo de "criar algo" que fundisse a comunicação, a criatividade e as câmaras. "Surgiu então a ideia de criar um blogue, que se desdobrava em conteúdo de vídeo, e depois entra aqui o Pedro..." - atira João Bernardes.

"A minha formação é em Direito e, por ser uma área um pouco conservadora e 'cinzenta', sentia a necessidade de ter um espaço para explorar o meu lado mais criativo. Quando o João me falou do projeto, encorajei-o a avançar, mas depois pensei que o podíamos fazer em conjunto. Então, começamos o blogue, que ainda existe" - complementa Pedro que, durante sete anos, trabalhou na sua área de formação.

Um nome, dois lados, a mesma moeda

A diferença e a semelhança que os une justifica, em parte, a escolha do nome "Cara Coroa". "Acho que isso nos representa. Quando pensamos no nome remete-nos para a imagem da moeda com esses dois lados completamente diferentes, mas em que há algo que os une. Então nós tentamos transportar as nossas diferenças e semelhanças - na personalidade, na forma de ser e de estar - para um conceito criativo e cujo nome que não fosse apenas 'o João e o Pedro'. Queríamos algo diferente", contextualiza João ao admitir que a sua intenção também passava por aplicar o que estava a aprender em Marketing.

"Costumo dizer que somos as cobaias do João" - brinca Pedro que, inicialmente, esteve mais envolvido na parte do blogue por ter um certo "receio" da exposição que o vídeo comporta.

João Bernardes, que é também professor universitário no IPAM - Porto, reconhece que

em vídeo “é mais difícil” colocar “um filtro”. “Ali mostras quem realmente és e diria que, quando começamos a aperceber-nos disso, a divertir mais e a estar mais à vontade, foi quando entendemos que o vídeo era o nosso caminho”.

Desafios e decisões

Estes jovens criadores reconhecem que quem opta por ser “youtuber” ou criador de conteúdos digitais ainda sofre de “conotações negativas” e “estigmas”, o que pode colocar entraves à concretização de ideias, sonhos ou intenções.

“Nós temos carreiras e percursos académicos que nos orgulhamos muito, mas ao mesmo tempo sentíamos que íamos gostar mesmo de fazer isto. Então, porque não embarcar num projeto em que podíamos criar algo nosso, onde nos podíamos divertir e ao mesmo tempo entreter os outros?” - questiona Pedro. A resposta é que hoje conseguem fazer tudo isso, mas João Bernardes aponta que a generalidade das pessoas ainda desconhece os “ossos do ofício” em torno das plataformas digitais.

“Há a criação do conteúdo, a gravação, a edição, a análise e a interação com a comunidade, que são quem nos motiva para continuar a crescer. Ou seja, isto vai além da publicação de conteúdos. O vídeo é só o ‘produto final’ que chega às pessoas. É muito difícil comparar o nosso trabalho com o dos nossos amigos e familiares” - considera.

“Two man show”

Enquanto alguns projetos digitais se compõem de equipas inteiras - como a pessoa que “dá a cara”, o operador de câmara, o editor de vídeo, o guionista e tantas coisas mais -, o “Cara Coroa” é um autêntico “one man show”. Ou, neste caso, um “two man show”.

“Nós fazemos um pouco de tudo. Somos nós que damos a cara, tratamos da gravação, da edição dos vídeos, da criação do guião, da parte da contabilidade e ainda do contacto para estabelecer parcerias. Mas isto tem uma certa piada porque somos nós que impomos as regras e avançamos com as coisas à nossa maneira. Nesta fase da nossa vida, isso é muito importante” - afirmam.

Marcar a diferença e uma década de Amor

Num universo digital em que “a roda foi já inventada” e onde não há escassez de conteúdo, marcar pela diferença pode também ser um desafio. No entanto, estes dois jovens, que se conheceram por Espinho em 2008, consideram que a personalidade do criador e a consistência são dois elementos decisivos.



“Além disso, há um aspeto importante em tudo isto que é perceberes até que ponto aceitas estar perante os outros sem filtros. Nós não expomos tudo da nossa vida, mas quem quer trabalhar nesta área a longo prazo tem de perceber que é preciso abrir um pouco o livro” - atenta João Bernardes.

A propósito disso, em 2022, quando completaram 10 anos de relacionamento, decidiram “abrir o jogo”. O vídeo “Como se explica o (nosso) Amor?” foi um momento especial em que vários amigos e familiares deram o seu depoimento sobre a relação amorosa deste casal. As reações do público superaram as suas expectativas.

“A partir do momento em que partilhámos que éramos um casal, senti uma grande evolução na forma de estar e comunicar. Celebrar esses 10 anos da relação com as pessoas que nos assistem todas as semanas, correu mesmo muito bem. Não estávamos à espera de uma reação tão positiva e isso libertou-nos bastante”, relembra Pedro.

Certas preocupações, como um toque na perna ou um olhar mais ternurento durante as gravações, simplesmente evaporaram-se, recorda João.

À volta da cozinha

Atualmente, os conteúdos do “Cara Coroa” versam, sobretudo, em comida. Para Pedro é um tema “universal” e confessa que teria todo o gosto em falar durante horas sobre o assunto. Enquanto gravavam as suas primeiras “experiências” pela cozinha, perceberam que

esse tipo de conteúdo era o que mais divertia as pessoas. “Éramos uns nabos na cozinha e talvez seja o sítio onde transmitimos mais a nossa autenticidade. A comunidade gostou disso e hoje cerca de 90% do nosso conteúdo é em torno da comida” - explicam.

Desde o início deste projeto, em setembro de 2018, os criadores do “Cara Coroa” lançam, pelo menos, um vídeo todas as semanas. Esta regularidade traduz-se numa soma de mais de 85 mil seguidores no Youtube e o número é ainda maior na rede social TikTok (são mais de 100 mil).

Em breve, esperam atingir a marca dos 100 mil subscritores no seu canal. “Quando se atinge esse marco no Youtube, eles enviam uma placa a felicitar essa conquista e sentimos que isso será um objeto que vai significar o nosso percurso, é o que materializa a nossa resiliência” - explicam.

João Bernardes admite que a placa será estimada “com muito carinho”. “Vai lembrar-nos das inúmeras horas de gravações, de todo este percurso e vamos celebrar esse feito com a mesma felicidade como quando atingimos os mil seguidores”.

“Sei que pode soar um pouco clichê, mas isto mudou mesmo a minha vida. Sou muito mais feliz, genuíno e melhor pessoa com quem me rodeia. Dure o tempo que durar este projeto, isto foi completamente transformador e uniu-nos ainda mais. É muito fixe podermos fazer isto” - arremata Pedro Lopes.

EXPRESSAR O INEXPRIMÍVEL: INÊS CANHA ENCONTROU NA CERÂMICA UMA PAIXÃO QUE QUER LEVAR PARA O RESTO DA VIDA

Inês Canha encontrou as Artes ainda antes de aprender a ler e a escrever. Tudo começou com os "típicos rabiscos" na folha de papel, onde, ainda sem saber, a sua história se ia escrevendo. É natural de Santa Maria da Feira, mas Espinho é a sua casa e foi aí que estudou e viveu os seus 23 anos. Diz que é a cidade onde está a sua família, as "suas pessoas" e as memórias que procura imortalizar. Mas é também o sítio onde a Inês não está. Pelo menos, fisicamente. Neste momento, vive e

trabalha num ateliê de cerâmica na Catalunha, enquanto aprendiz, e pretende desenvolver e aprofundar conhecimentos durante mais algum tempo. Mas está convicta que um dia voltará. Até lá, quer visitar outros países deste Mundo que lhe parece "demasiado grande" e, pelo meio, espera ser uma "esponja" das diferentes culturas, tradições e das formas de executar a sua grande paixão: a cerâmica.

Desde muito jovem que Inês não consegue segurar a curiosidade artística das suas mãos. O interesse pelas artes plásticas já a levou a experimentar o desenho, a pintura, o design, a tatuagem, mas, atualmente, a cerâmica é a sua paixão.

"A cerâmica é aquilo que mais me fascina. Une duas áreas que gosto muito, que são a pintura e a escultura, e é algo que me conecta à Natureza. Há esta noção de criar algo a partir de um elemento natural, que é a terra, e, caso a peça se parta, é devolvida à sua origem. Existe um certo romantismo nisso que me encanta" - afirma a jovem.

Embora já tenha experimentado várias artes plásticas, diz, entre risos, que não é mestre em nenhuma. "A minha mãe diria que sou hiperativa e que não consigo estar quieta com as mãos. E a verdade é que sempre tive esta curiosidade em experimentar algo novo. Mas isso também foi importante para o meu percurso artístico. Permitiu-me descobrir a Arte com que realmente me identifico. De certa forma, a cerâmica é o culminar de tudo aquilo que fiz no passado. É o que realmente quero", explica.

A saltitar pelo Mundo

A jovem ceramista, antes de partir para a Catalunha, esteve também em Creta, na Grécia, num estúdio de cerâmica, no âmbito do programa Erasmus. Conta que essa primeira experiência foi importante por lhe ter permitido ganhar "mais confiança" para saltar de país em país, independentemente da língua oficial.

Canalizar pensamentos, emoções ou memórias através do seu corpo - com a terra - é algo que a fascina, embora se considere uma "iniciante" na área. Diz que ainda há muito para aprender.

"A cerâmica é uma arte muito infinita, em que cada pessoa tem uma forma diferente de a fazer. Para mim é interessante saltar de lugar em lugar e continuar a aprender com os mestres deste ofício. Além disso, também

ainda sou muito jovem para abrir o meu espaço. É importante entrar em contacto com outras pessoas e conhecer lugares novos. Faz parte de mim" - admite.

Os sonhos da Inês

Qualquer jovem, como a Inês, pode guardar em si todos os sonhos que quiser. Basta ter espaço "lá dentro". Contudo, ninguém está imune às inquietações, desassossegos e receios. A jovem espinhense reconhece que "é difícil viver e comer da Arte" e, por estar ciente disso, optou por se licenciar em Design de Comunicação, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) - ao invés do curso de Artes Plásticas, como desejaria -, pois poderia facilitar a sua entrada no mercado de trabalho e assegurar equilíbrio financeiro.

Mas o mundo profissional trocou-lhe as voltas e, aos poucos, roubava-lhe a energia para criar e expressar o que sente. A Arte é como uma terapia para si. "Sempre me senti muito incapaz de expressar o que realmente sinto. Então, é muito mais fácil para mim desenhar e, através das cores, fazer as pessoas sentirem algo que eu também senti. Isso ajuda-me e também pode ajudar as pessoas a compreenderem-se melhor" - acrescenta.

A ida e a volta à cidade

Antes de partir à descoberta do que o Mundo lhe reserva, Inês concebeu a exposição "Prolongar a memória de Espinho" - um projeto de retratos em azulejo que pretende homenagear 20 personalidades espinhenses. Em quatro meses, conseguiu terminar seis, mas é um trabalho que pretende retomar.

E, no seguimento dessas memórias, compreende quem diz que Espinho se tornou uma "cidade parada no tempo". No entanto, considera que "a cidade está a florescer".

"Apesar de ter passado uma fase da minha vida em que sabia que Espinho não tinha nada a acontecer pelos jovens, reconheço que a minha postura também não fez muito sentido. Hoje faço parte da Salitre e somos um coletivo que está a tentar mudar o rumo das coisas. Acima de tudo, queremos dar Cultura e qualidade de vida à cidade. É importante cuidarmos do nosso espaço e da nossa casa" - conclui.

De cada vez que faço cerâmica, há algo dentro de mim que faz todo o sentido. É difícil de expressar...



**CARLA CAPELA TEM
A ARTE COMO FAROL
E QUER CONTINUAR
A NAVEGAR NOS
MARES DA VIDA**



Foto: José Farinha

Carla Capela já encontrou o rumo da sua viagem há algum tempo. Não consegue precisar quando descobriu a paixão pela Arte, mas sabe que o desenho, a pintura e a escultura foram as primeiras experiências que a levaram a tornar-se numa “performer da vida”. Além de ser mãe de um menino, é DJ, atriz, vocalista e letrista da banda Lola Lola e, como se não bastasse, também é professora de Artes Visuais, no Colégio Novo da Maia. Para ela “não há vida sem Arte” e encontra-a todos os dias, a toda a hora, em qualquer situação.

“Eu cresci naturalmente com isto. Tudo o que fosse ferramenta de trabalho, eu adorava. Não tinha tudo o que queria, quando era miúda, nem tampouco tinha acesso a tudo, mas o que mais se evidenciou no início foi o gosto pelo desenho, pela pintura e, sobretudo, pela escultura. Desde muito nova que queria ser escultora” – relembra a multifacetada artista espinhense ao admitir que sempre se sentiu “atraída” por várias vertentes artísticas.

Por volta dos 13 anos, descobriu uma nova paixão: o Teatro. Estreou-se no mundo da representação, na Cooperativa Nascente, e o que a mais fascinava era o que se passava “para lá do palco”: a música, as luzes, os cenários, os figurinos...

Do “velho” para o “novo” palco...

“Quem fez teatro também sabe que o que se cria com o grupo é uma relação muito íntima. São muitas horas de ensaio que nos obrigam a gerir emoções. Há um ambiente de apoio e partilha que se constrói e a preparação para o espetáculo é fascinante. Sempre foi. É uma das coisas que mais tenho saudades” – afirma.

Carla também sempre gostou de ouvir música e de cantar, embora tenha enfrentado

inseguranças para controlar a sua voz. Mas o Teatro estava lá para a ajudar a superar o desafio. E, mais uma vez, uma nova paixão surgiu no radar.

“Um dos papéis que interpretei numa peça era sobre uma diva que cantava em palco, que sofre um desgosto amoroso e “desfaz-se” emocionalmente diante do público. Foi a fazer esse papel, com 30 anos, que decidi começar a cantar. Houve ali uma conexão por cantar e sentir a reação das pessoas no momento. No Teatro, por norma, a reação é mais tardia e dá-se no final do espetáculo. A instantaneidade das reações do público, enquanto cantava, encantou-me”, aponta.

Quando estava já nos Lola Lola e se tornou mãe, o Teatro teve de ficar em “standby”. “Não era humanamente possível”, confessa. Ainda assim, a Música permitiu-lhe contrabalançar as saudades do palco da representação pelo dos concertos, por ser a vocalista e também por assumir o papel de atriz e protagonista nos videoclips da banda.

Das cabines de som para os Lola Lola

Mas ainda antes de ingressar nesse conjunto, Carla assumiu as “rédeas” das cabines de som. A “DJ Just Honey”, que se estreou em 2006, num bar portuense, é ainda hoje um nome reconhecido na Cidade Invicta.

“Quando fui a primeira vez passar som, achei aquilo incrível. Mas depois surgiu um problema: cheguei a um sítio em que queria passar música, aceitaram-me, mas pagavam-me menos por ser mulher. Então disse-lhes que ia passar música na mesma, mas que, no fim, iam ser eles a querer pagar-me o mesmo que pagavam aos DJ’s masculinos. E isso aconteceu. Tenho orgulho por ter ‘batido o pé’ e ter servido de exemplo para que mais mulheres começassem a surgir enquanto

DJ’s. Não havia quase nenhuma na altura” – relembra.

Já em 2014, também no Porto, formaram-se os Lola Lola a partir da reunião de um trio já conhecido em “Os Tornados”: Tiago Gil (guitarra), Miguel Lourenço (baixo) e Hélder Coelho (bateria). Após alguns testes a vocalistas masculinos, em finais de 2015, as cordas vocais de Carla Capela convenceram a banda, que conta ainda com um saxofone barítono. Desde então, a aventura musical dos Lola Lola tem dado que falar: percorrem clubes e festivais em Portugal, Espanha e até na Croácia.

Memórias e sonhos a cumprir

Um dos momentos mais marcantes na sua vida, e que ainda hoje a acompanha, coincidiu com a sua gravidez e a gravação do quarto single da banda: “Kill the Man”.

“Por estar grávida, não conseguia aguentar a respiração em algumas partes desse single. Lembro-me que depois fui gravá-lo, quando o meu filho tinha um mês, e isso para mim foi a prova de que ia conseguir continuar a fazer tudo o que gostava e queria. Não foi, nem é fácil. Mas o poder que senti nesse dia... é difícil de explicar. Foi um momento que ainda hoje me acompanha quando me sinto mais cansada”, conta.

Carla compara a sua vida a uma obra literária e, até chegar aos seus últimos capítulos, que espera escrever, pretende continuar a fazer tudo o que faz e retomar o que ficou suspenso (o Teatro). Em breve será, literalmente, a capitã do seu “navio”. Ainda lhe falta o barco e a carta para passear com o filho junto à costa ou pelo Rio Douro, mas o chapéu de marinheiro já está na sua posse.

NOTA DE AGRADECIMENTO

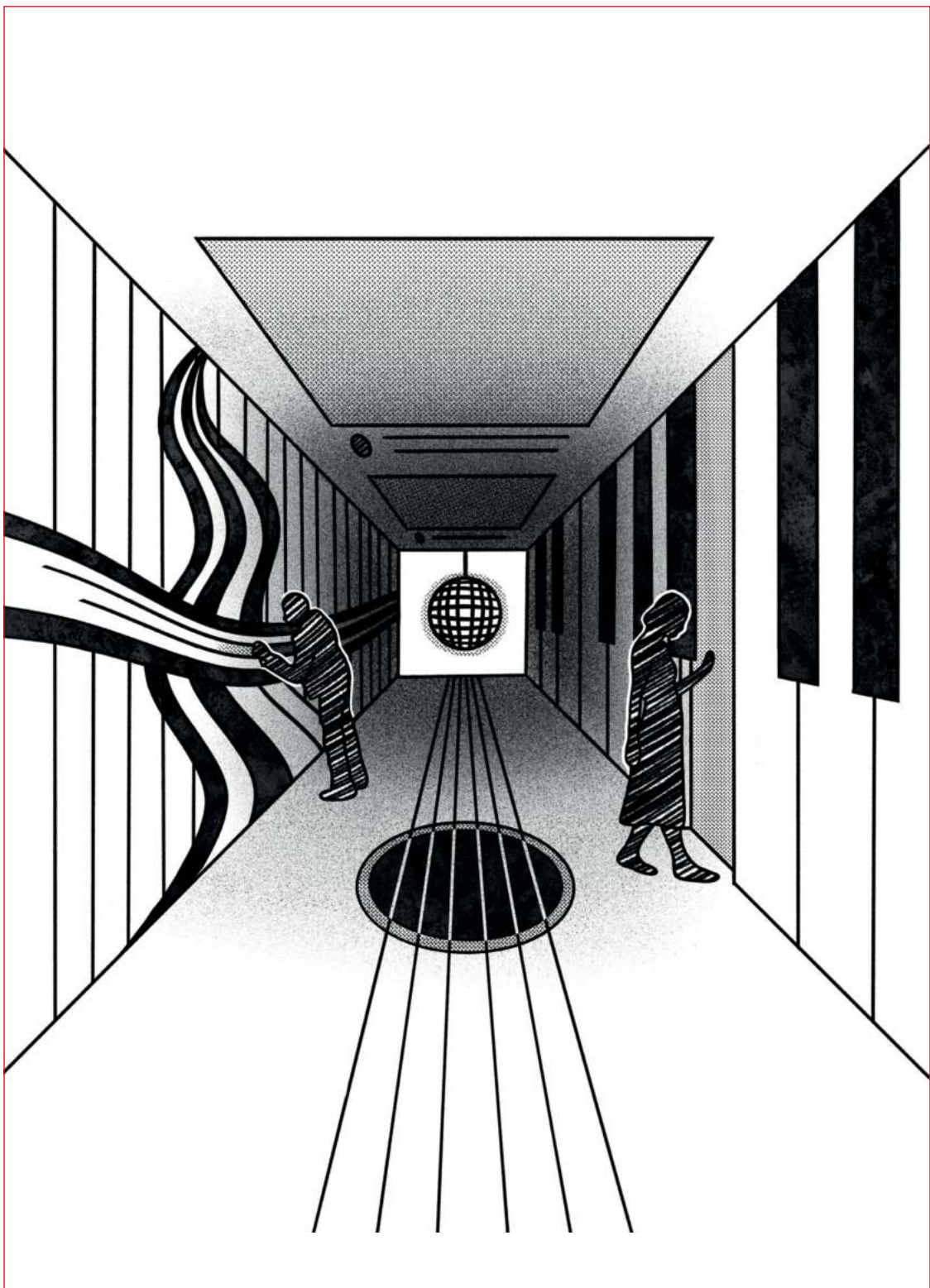
Em conformidade com a temática deste segundo número do suplemento "Mais Maré", consideramos que, logicamente, o seu "rosto" deveria ser idealizado por um/a jovem artista local. Nesse sentido, expressamos os nossos sinceros agradecimentos à talentosa jovem ilustradora responsável pela Arte da capa: Vanessa Oliveira.

Esta colaboração surge também por o Maré Viva acreditar firmemente na importância da promoção de jovens talentos e na valorização das suas criações originais. Dando apenas algumas pistas sobre os temas que seriam abordados, quisemos que a jovem espinhense pudesse conceber livremente a ilustração da capa, o que sustenta igualmente a nossa busca em incentivar a participação ativa das novas gerações e proporcionar uma plataforma para o reconhecimento deste e outros tantos talentos.

"Van Helsing Draws" é o heterónimo da ilustradora de origem espinhense, Vanessa Oliveira. É licenciada em Som e Imagem, pela Universidade Católica do Porto. Depois de anos dedicados à animação 2D e motion design, foi na pandemia que surgiu a necessidade de ilustrar os seus pensamentos oníricos através do monocromático e do surrealismo. Fora do papel e do digital, também lançou uma coleção de "black apparel" com adaptações das mesmas ilustrações.



Vanessa Oliveira





Nascente
Cooperativa de Ação Cultural

ANIMARTES

Ateliês, Cursos e Workshops

TURMAS DE DANÇA



Espectáculos
Eventos Culturais
Outros Palcos
Noites de Poesia
Tertúlias
Palco Aberto
Atelier de Cerâmica

Capoeira, Danças de Salão,
Danças Europeias, Ginástica
de Manutenção, Latin Fit,
Pilates, Solo Girls - Competição,
Treino Funcional

Auditório Nascente
Rua 16 1200, Espinho
animartes@nascente.org.pt
227 331 357 | 910 862 689
f @ animartesespinho



auditório
nascente

**SÓ SE
FAZ UMA VEZ**



16 JUNHO

11h00 | Sessão Solene
Praça Dr. José Salvador

22h30 | Xutos & Pontapés
Praça do Mar



ESPINHO 1973»2023
CELEBRAÇÕES ELEVAÇÃO DE
ESPINHO A CIDADE
PROGRAMA COMPLETO_ WWW.ESPINHO.PT